

Pampulha como Ícone de Belo Horizonte

Flavio de Lemos Carsalade

CARSALADE, Flavio de Lemos. Ícone de BH. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 1 mai. 2004. Caderno Pensar, p. 6.



A dimensão simbólica da condição existencial do ser humano é a grande força que o move intermediando a sua relação com o mundo e que, através da cultura, propicia a chave de seu convívio social. Para situarmos melhor esse entendimento e investigarmos com maior profundidade a extensão desse conceito podemos nos valer da Antropologia que entende, de maneira geral, a *cultura* como sendo uma visão de mundo que estabelece padrões públicos e determina o destino das nações, uma consciência coletiva, uma forma de falar sobre identidades coletivas. Neste sentido ela seria um atributo do ser humano, fazendo sentido dizer que ser humano é ser culto. A cultura se exerce através de manifestações, muitas delas de caráter artístico, outras de importância para a memória coletiva, outras ainda de referencial histórico, muitas incorporando estas três características. As manifestações culturais que transcendem o tempo são o *patrimônio cultural* de um povo e sobrevivem exatamente porque têm a força do reconhecimento da coletividade como sendo referência dela própria. A criação de marcos simbólicos tem a função de exaltar a capacidade do homem como ser supremo da criação, de referenciar grupos sociais e suas realizações, de pontuar transformações importantes na sua marcha pela vida. Os grandes marcos da cultura, concretizados em ícones de apropriação coletiva, foram muitas vezes utilizados como sinal da presença de determinadas

civilizações e de domínio de umas sobre outras. Sabe-se da história americana que a imposição, por exemplo, de padrões urbanísticos ortogonais característicos da civilização hispânica sobre os assentamentos nativos da América Andina tinha a função de desestabilizar seus padrões culturais e destruir seus ícones coletivos, de maneira a facilitar sua dominação. No entanto, na sua função existencial mais nobre, os ícones culturais são a criação de referências compartilhadas por uma comunidade e que lhe traz a noção de coletividade e o sentimento de pertencimento, marcos da sua inteligência e pujança, indispensáveis na criação de laços de companheirismo e cidadania. Assim, vimos proliferar, ao longo da história, as marcas de seus protagonistas, quer como dominação e afirmação de superioridade na forma de obeliscos, arcos do triunfo, quer como mostra de transcendência espiritual na forma de templos e lugares sagrados, quer como mostra de pujança e inteligência na forma de memoriais ou torres comemorativas. Não poucas vezes, só para assinalar este último grupo, as torres criadas para exposições e feiras internacionais sobreviveram ao evento como marcas orgulhosas da cidade e seu povo. A própria Torre Eiffel, hoje símbolo da capital francesa, só escapou da desmontagem pela pressão popular que nela reconheceu uma manifestação superior do espírito e da inteligência de seu povo. É assim que as sociedades precisam de ícones para materializar e sinalizar sua existência, como um fogo ao redor do qual se reúne a família, centro de sua própria noção de grupo, marca de sua existência única e pessoal.

Belo Horizonte não escapa à regra, é claro. Aqui a paisagem natural não tem a força de outros lugares, sendo a Serra do Curral talvez o único elemento paisagístico de importância referencial. A tarefa de personalizar a cidade e seu povo fica a cargo dos elementos por este construídos. Assim, os ícones da cidade foram forjados na sua origem e, também como em qualquer outro lugar, ao longo de sua história. Suas primeiras marcas vieram do desejo republicano e dos novos ares de positivismo científico que grassavam ao final do século XIX por estas bandas. Seus ícones originais são sua própria morfologia urbana, seus elementos simbólicos decorativos aplicados aos edifícios e o maior deles, a Praça da Liberdade, lugar do poder civil, do compartilhamento, num mesmo espaço, do governo e do povo. A Praça Sete de Setembro, reconhecida por muitos como “coração da cidade”, assume uma função icônica forte não apenas por ser um lugar preferencial de passagem, de situação central, mas por resumir, no seu espaço, a própria trama urbana de Belo Horizonte formada pelo deslocamento a quarenta e cinco

graus de suas avenidas em relação às ruas. O obelisco aí apenas complementa e pontua essa forte referência espacial.

Além daqueles de sua origem, nenhum outro ícone da cidade tem tanta força referencial como aqueles que a Pampulha ensinou a criar. Se a função do ícone é celebrar e personalizar um povo, cabe refletir sobre a razão deste status que o conjunto criado em 1940 soube criar, até mesmo para procurarmos compreender um pouco mais de nós mesmos como cidade e como civilização. O projeto Pampulha tem início na recém nascida ciência urbanística que influenciou as grandes transformações pelas quais passaram algumas cidades da época e que embasou o plano da nova capital mineira. Questões como zoneamento funcional, abastecimento de água, expansão urbana, grandes avenidas, pólos de lazer, dentre outras, foram alvo de estudos da Comissão Técnica Consultiva da Cidade que, em 1934, incorporava engenheiros e arquitetos como Fábio Vieira, Lincoln Continentino, Luiz Signorelli e Ângelo Murgel . Esses estudos continuaram nas gestões seguintes e cogitavam sobre o prolongamento e alargamento da Av Pedro I (atual av. Antônio Carlos), na administração José Oswaldo de Araújo, e na construção de uma barragem nas antigas fazendas do arraial de Santo Antônio da Pampulha para abastecimento de água na capital, na administração Otacílio Negrão de Lima. A gestão JK, no início dos anos quarenta, retoma o projeto dando-lhe uma dimensão urbana maior, entendendo a lagoa como o lugar de turismo, lazer e habitação que faltava a uma cidade moderna como Belo Horizonte. O fio que une essas atitudes, o traço cultural que caracteriza sua similitude é a mesma idéia, portanto, da cidade moderna, racional e saudável que vem permeando a cidade desde seu nascimento e que caracteriza a nova capital mineira, o ideário da modernidade e da transformação que vem da nova realidade política e dos avanços científicos e que JK soube perpetuar, reforçando a idéia da capital de Minas como a cidade moderna por excelência, em oposição à “velha” Ouro Preto.



A consolidação do Projeto Pampulha aconteceu na administração JK que, para efetiva-lo, ampliou as obras de barragem dos córregos que formam a lagoa, dando-lhe a dimensão que tem hoje e instituiu um concurso para os projetos dos edifícios públicos que seriam necessários para determinar seu caráter turístico e de lazer. O concurso, no entanto, apresentou resultados decepcionantes para a visão futurista que o prefeito tinha para o local, conforme ele mesmo confessa em seu livro de memórias: “O concurso resultou num desapontamento. Verifiquei que eram inaceitáveis os projetos apresentados – quase todos do estilo convencional, segundo os padrões dos edifícios públicos. Alguns talvez pela popularidade de que gozava o Quitandinha, na época, apresentavam a mesma variação de estilo normando, o que seria uma aberração em face do gênero fluido da beleza que nos extasiava os olhos na Pampulha”. O convite a Oscar Niemeyer para a realização de novos projetos significava uma opção de valorizar as novas correntes que caracterizavam o modernismo na arquitetura, uma nova opção projetual mais coerente com as novas tecnologias e possibilidades formais que os arquitetos de vanguarda vinham então experimentando. Assim, novamente, Belo Horizonte opta pela modernidade.

Oscar Niemeyer, à beira do grande espelho d’água, procurou dar vazão às suas idéias sobre a função fática da arquitetura (“Mas, não raro, era a forma abstrata que me atraía, pura e delgada, solta no espaço à procura do espetáculo arquitetural”), que ele próprio considera como seu início profissional: “...é à Pampulha – permitam-me dizer-lo – que devemos o início da nossa arquitetura, voltada para a forma livre e criadora que até hoje a caracteriza”. É assim que o arquiteto consegue agregar à Pampulha dois outros valores

que respaldam a sua importância icônica: a forma arquitetônica de apreensão forte e a importância histórica de sua construção. A forma dos edifícios da Pampulha, o “espetáculo arquitetural” ao qual Niemeyer se refere, alia à originalidade artística, uma facilidade de apreensão e reprodução gráfica/ livre interpretação pessoal que a torna acessível para todos, diferentemente do Palácio da Liberdade, por exemplo, de difícil rememoração imagética. A igreja da Pampulha, a Casa do Baile, a cobertura do late Clube, o contraste entre o volume a marquise do Cassino apresentam as qualidades de boa “pregnância” que a escola alemã Gestalt que estudou a psicologia da forma, definia como sendo a capacidade de facilidade de compreensão e rapidez de leitura e interpretação relacionada à organização visual da forma do objeto.

A importância histórica da Pampulha pode ser observada em diversos aspectos. Ela está na reafirmação da atitude “moderna” que caracteriza a cidade em sua “meia-vida”, se a podemos chamar assim, com relação aos seus cem anos. Ela também pode ser observada na mudança de rumos e abertura oficial da expansão urbana rumo ao norte, sua tendência mais clara, se considerarmos a Cidade Industrial a oeste e as barreiras naturais a sul e leste. Representa a afirmação desenvolvimentista que caracteriza a época e a revolução da arquitetura modernista que tanto influenciou não só os rumos e novos edifícios na cidade e no país, como abriu BH aos olhos do mundo. Deroche, arquiteto francês, dizia à época: “Pampulha foi o grande entusiasmo da minha geração” e Ozenfent, amigo de Le Corbusier dizia que após a “influência de fora” (aludindo à Pampulha) este teria se rendido à curva, em detrimento do ângulo reto que sempre defendia.



Para um ícone, portanto, não basta ser um belo monumento. Procuramos apontar aqui pelo menos três fatores que dão lastro à Pampulha como ícone preferencial de Belo Horizonte, os quais podemos retomar à guisa de resumo e reforço do raciocínio. Primeiramente a sua âncora no imaginário que tem caracterizado Belo Horizonte como o lugar da Modernidade. Depois, a forte presença fática da forma, caracterizada por um desenho original, exclusivo e diferenciado inclusive de outras obras do próprio arquiteto, facilmente reconhecível pela população. Como terceiro ponto – e não menos importante – o lugar que a história reconheceu (e que depois a própria Brasília ajudou a consolidar) da Pampulha como berço da moderna arquitetura brasileira e de sua importância mundial como consolidação das novas possibilidades arquiteturais que o mundo, então, via nascer. Após a sua inauguração a Pampulha recebeu tamanho reconhecimento da população que praticamente se tornou um novo coração da cidade, até mesmo pela sua situação geográfica, como porta do vetor norte de crescimento urbano, seu principal eixo de expansão. A Pampulha é tão importante para o belorizontino que tudo que nela acontece, diferentemente de outros pontos da cidade, toda a população sabe. Exemplo disto é a recente pesquisa realizada pela Prefeitura na qual, em demanda espontânea de resposta, mais de oitenta por cento da população reconhece as obras de revitalização da orla, em comparação com a pequena ciência de outras obras realizadas em outros trechos da cidade, apesar de também essas serem de grande importância.



Quando se trata de um patrimônio cultural de tamanha riqueza e presença, não nos cabe apenas reconhecê-lo como tal. É fundamental utilizar com sabedoria sua importância sócio-cultural, celebrando-o como marca de um povo, em torno da qual a comunidade se reconhece e se contempla, divulgando sua presença no mundo como marca de sua distinção e de sua riqueza. Se assim o fizermos, estaremos não apenas atraindo visitantes e desenvolvimento econômico, mas despertando na população um sentimento de maior afeto e orgulho de sua cidade, estreitando laços de cidadania, que certamente resultarão numa atitude mais amorosa e cidadã com toda a Belo Horizonte. A Pampulha tem então que ser visível e apropriada por seu povo, de maneira qualificada e respeitosa, como um espaço onde se exerce a cidadania com dignidade e nobreza.

descubraminas
 .com

